



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**

**INSTITUTO DE HISTÓRIA**

**AMANDA MILAN DIONIZIO**

**CLEÓPATRA VII: NARRATIVAS SOBRE A LÍDER EGÍPCIA EM FONTES  
PRIMÁRIAS (I d.C. – X d.C.) E LIVROS DIDÁTICOS (2016-2022)**

**Uberlândia-MG**

**2023**

Universidade Federal de Uberlândia

Instituto de História

Amanda Milan Dionizio

Cleópatra VII: narrativas sobre a líder egípcia em fontes primárias (I a.C. – X d.C.) e livros didáticos (2016-2022)

Artigo apresentado ao Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito para obtenção do título de licenciatura em História.

**Orientador:** Prof. Dr. André Fabiano Voigt.

Uberlândia-MG

2023

DIONIZIO, Amanda M. **Cleópatra VII: narrativas sobre a líder egípcia em fontes primárias (I a.C. – X d.C.) e livros didáticos (2016-2022)**. 35p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2023.

Orientação: Prof. Dr. André Fabiano Voigt

Curso de Graduação em História

Inclui bibliografia.

Palavras-chave: Cleópatra VII; fontes primárias; ensino de História Antiga.

AMANDA MILAN DIONIZIO

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. André Fabiano Voigt (Orientador)

---

Prof. Dr. Cleber Vinicius do Amaral Felipe  
Universidade Federal de Uberlândia

---

Prof. Dr. Sérgio Paulo Moraes  
Universidade Federal de Uberlândia

Uberlândia-MG

2023

**AGRADECIMENTOS:**

Eu jamais poderia iniciar esses agradecimentos sem, em primeiro lugar, agradecer aos meus queridos pais, Regina Milan e Anderson Rodrigo Dionizio, por todo o amor e apoio, psicológico e financeiro, para me manter na Universidade. Como filha da classe trabalhadora, reconheço todo o esforço feito pela minha família para garantir a minha permanência em uma das melhores Universidades federais do Brasil. Agradeço a todos os meus colegas de curso que ajudaram a fazer minha graduação. Agradeço, em especial, aos meus queridos amigos que foram como uma família: Arthur Camargo Frêdo, Gabriella Ramos Santana, Salomão Caique Dal Ri Ignacio e Vinícius da Rocha Oliveira. Agradeço ao Prof. Dr. André Fabiano Voigt por ter me acolhido e me encorajado a seguir os meus interesses de pesquisa, ainda que dificuldades de variadas naturezas se impusessem. Sou grata a ele por todas as leituras, discussões e reflexões que ajudaram na construção do presente trabalho e da minha pessoa enquanto professora-historiadora.

**RESUMO:** Este artigo tem como intuito, a partir da análise de algumas fontes primárias, escritas entre I a.C. e X d.C., discutir quais fontes podem contribuir para a construção de uma imagem negativa acerca da figura de Cleópatra VII. Ademais, procura-se refletir como se deu a criação de Cleópatra VII como uma figura negativa e apontar quais motivos e características da governante egípcia foram utilizadas nessas fontes para a reafirmação de sua vilania. Dentro do ensino de História, busca-se compreender qual narrativa sobre Cleópatra é perpetuada através de bases curriculares, livros didáticos e manuais para professores; além disso, busca-se perceber qual espaço a História Antiga tem no ensino de História no Brasil.

**Palavras-chave:** Cleópatra VII; fontes primárias; ensino de História Antiga.

**ABSTRACT:** This article aims, from the analysis of some primary sources, written between I BC and X AD, to discuss which sources can contribute to the construction of a negative image about the figure of Cleopatra VII. In addition, it seeks to reflect on how Cleopatra VII was created as a negative figure and to point out which motives and characteristics of the Egyptian ruler were used in these sources to reaffirm her villainy. Within the teaching of History, we seek to understand which narrative about Cleopatra is perpetuated through curricular bases, textbooks and manuals for teachers; in addition, we seek to understand what space Ancient History has in the teaching of History in Brazil.

**Keywords:** Cleopatra VII; primary sources; Ancient History teaching.

**SUMÁRIO**

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>DIVERSAS VISÕES SOBRE CLEÓPATRA.....</b>	<b>12</b>
<b>CLEÓPATRA NO ENSINO DE HISTÓRIA NO BRASIL .....</b>	<b>28</b>
<b>CONCLUSÕES [REFLEXÕES] FINAIS. ....</b>	<b>32</b>
<b>REFERÊNCIAS: .....</b>	<b>33</b>
<b>FONTES PRIMÁRIAS (TRADUÇÕES):.....</b>	<b>33</b>
<b>LIVRO DIDÁTICO: .....</b>	<b>34</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS: .....</b>	<b>34</b>

## Introdução

Este trabalho tem o intuito de questionar a maneira com que a historiografia tradicional ocidental constrói uma narrativa, que pode ter um cunho negativo, para a última rainha de origem helênica, da dinastia dos Ptolomeus, no Egito. Para tanto, julga-se necessário, entretanto, o resgate dessa mesma narrativa para fins introdutórios e de apresentação do tema. Embora esse resgate da historiografia tradicional seja feito logo no início do trabalho, deixamos claro que é justamente essa historiografia que buscamos destrinchar e olhar criticamente.

Cleópatra VII, a rainha sem rosto, é filha de Ptolomeu XII, conhecido como Ptolomeu Auletes; já a identidade de sua mãe ainda é um mistério<sup>1</sup>, visto que não se sabe se ela seria filha da primeira esposa de Auletes, Cleópatra V, ou de alguma concubina, assim como seu pai teria sido filho de uma concubina<sup>2</sup>. Ela foi uma das rainhas mais poderosas da história que, após a morte de seu pai e suas irmãs, assumiu o trono com seu primeiro marido, seu irmão, Ptolomeu XIII. Os casamentos incestuosos (sobretudo entre irmãos e irmãs) eram uma tradição milenar entre as dinastias faraônicas e Ptolomeus seguiram essa tradição. Dessa forma, em 51 a.C., começa o reinado, cheio de altos e baixos, de uma das rainhas mais famosas da Antiguidade.

Aos 18 anos, Cleópatra VII dividia o reinado com seu irmão/marido Ptolomeu XIII, de apenas 10 anos. Claramente, a relação era desigual, devido à diferença de idades, logo, Cleópatra ocupava a frente de comando do reino. Enquanto Cleópatra parecia não ter problemas em dar continuidade na relação mútua com Roma, os conselheiros da corte real, Aquilas, Teódoto e Pontino, viam no pequeno Ptolomeu XIII, a chance de um Egito mais independente. A partir disso, começa-se a divisão de interesses e brigas por poder, o que culmina no exílio de Cleópatra na Síria, local onde ela começou a aglutinar um exército.

Ao mesmo tempo, Roma enfrentava mais uma guerra civil, entre Júlio César e Pompeu, dois componentes do primeiro Triunvirato. O segundo, após perder a batalha na Farsália, vai ao Egito, em busca de apoio, já que anos antes, foi ele quem recebeu Ptolomeu Auletes em sua casa e era seu guardião. Entretanto, ao chegar no Egito, é morto e tem sua cabeça decapitada; isso se deu porque, aconselhado por seus conselheiros, Ptolomeu XIII achou arriscado receber Pompeu, podendo colocar em risco os bons laços com César que, naquele momento, já se

---

<sup>1</sup> JONES, Prudence. Cleopatra VII (69-30 BCE). *IN*: GATES, Henry; AKYEAMPONG, Emmanuel; NEVEN, Steven J.. **Dictionary of African Biography**. Oxford University Press, 2011. Disponível em: <https://www.oxfordreference.com/display/10.1093/acref/9780195382075.001.0001/acref-9780195382075-e-0466?rskey=H8V4IY&result=467>. Acesso em: abril/2023.

<sup>2</sup> Idem.



consolidava como o maior dos romanos vivos. Ainda que Pompeu fosse, naquele momento, seu inimigo, receber a cabeça dele como presente em nada agradou à César. A partir disso, Cleópatra VII vê no romano uma esperança de poder retomar seu trono.

Sabendo que Júlio César estava em Alexandria, ela retorna, em segredo, à cidade, e escondida, adentra o quarto dele, onde pede por apoio. Adiante, César, prometendo cumprir o testamento deixado por Ptolomeu Auletes, coloca Cleópatra VII novamente para reinar com o irmão. Revoltado, Aquilas, conselheiro da corte do pequeno rei, resolve atacar o exército de César, causando assim a Guerra de Alexandria, que durou alguns meses, ocasionando a morte de Ptolomeu XIII, afogado. Após a morte dele, Cleópatra assume o reinado com o seu segundo irmão/marido, Ptolomeu XIV, que a época possuía 12 anos. Posteriormente, Cleópatra faz um cruzeiro pelo Rio Nilo, na companhia de Júlio César, confirmando ainda mais as intenções amorosas entre os dois, já que, além do falado charme que Cleópatra exercia sobre César, o grande romano tinha o costume de se relacionar com rainhas<sup>3</sup>.

Em 47 a.C., nasce Cesarião, ou Ptolomeu XV, filho de Cleópatra VII e Júlio César. Há quem refute a ideia de que Cesarião tenha sido filho legítimo de César, embora ele nunca tenha sido considerado herdeiro por conta da lei romana, já que a mãe de Cesarião era Cleópatra, uma estrangeira e não era a esposa oficial de César; mesmo o próprio nunca tendo negado a paternidade de Cesário, ele nunca foi eleito à herdeiro legítimo. De 46 a.C até 44 a.C, Cleópatra, Cesário e Ptolomeu XIV viveram hospedados em Roma, em uma casa de César. Em 44 a.C. Júlio César é assassinado, colocando em risco, mais uma vez, o reinado de Cleópatra.

Ao retornar de Roma, Cleópatra envenena o marido, Ptolomeu XIV; assim, ela poderia reinar com Cesarião, de 3 anos de idade. Mesmo reinando sozinha (já que seu companheiro de reinado era seu filho de 3 anos), Cleópatra VII sabia que enfrentaria problemas com os romanos, já que César, que simbolizava essa união e, de certa forma, garantia a permanência do Egito como reino independente, estava morto. Marco Antônio, herdeiro de César, passa a enxergar em Cleópatra uma oportunidade de se apossar de terras, dinheiro e exército, proveniente do Egito, e assim poder superar Otaviano, sobrinho e, também, herdeiro de César. Em 41 a.C., o

---

<sup>3</sup> SUETÔNIO; PLUTARCO. **VIDAS DE CÉSAR**; tradução e notas de Antonio da Silveira Mendonça e Ísis Borges da Fonseca. São Paulo, Estação Liberdade, 2007, pp. 80-83.

encontro divino<sup>4</sup> entre Antônio e Cleópatra acontece, em Tarso. A partir daí nasce uma nova união de Alexandria e Roma.

Sabemos que a interação romântica entre Cleópatra VII e Júlio César não era segredo, mas consideramos que era um tanto quanto discreta. O que vemos nas interações entre Cleópatra e Marco Antônio é algo muito mais publicizado, com inúmeras aparições públicas, o constante resgate das figuras de Ísis e Dionísio, banquetes envoltos na luxúria e três filhos. Mesmo tendo esposas romanas, Marco Antônio nunca negou seu relacionamento amoroso com Cleópatra, tendo inclusive se casado com ela em uma cerimônia no Egito. Se por um lado Cleópatra e César pareciam um casal diplomático, Cleópatra e Antônio apresentavam um caráter apaixonado, divino e sexual muito mais visível.

Se a proteção ‘discreta’ de César para com o reinado de Cleópatra já causava desagrado entre o senado romano, a proteção luxuosa de Antônio e o não respeito com as virtudes romanas causou ainda mais intrigas, trazendo malefícios para a imagem de Antônio e a rainha. É nesse contexto que eles ficaram juntos, servindo de apoio, um ao outro, no campo político e militar. Antônio, assim como Cleópatra, visava o crescimento do reino egípcio<sup>5</sup> e tinha vontade de se livrar de seu companheiro de triunvirato Otaviano. As desavenças entre os dois eram constantes e com o medo de levar Roma à mais uma guerra civil, a principal culpada de tudo acabava sendo a rainha egípcia.

Por isso, em 31 a.C., quando o último laço amistoso<sup>6</sup> entre Otávio César e Antônio se desfaz, e o primeiro decide declarar guerra, ele não a declara sobre Antônio, mas sobre Cleópatra. E além das batalhas em campo, como a famosa Batalha do Áccio, no mesmo ano, Otaviano liderou uma forte propaganda contra a imagem da rainha, a colocando como bruxa que teria, com seu charme, enfeitado seu tio e seu amigo. Tendo perdido a batalha em Áccio, Cleópatra e Antônio voltam para Alexandria, não se sabe se por estratégia ou covardia, ela fica escondida em sua tumba e ele no palácio.

---

<sup>4</sup> Divino porque, Cleópatra era comumente associada à deusa egípcia Ísis, enquanto Antônio era associado, principalmente após as vivências no Egito, ao deus grego Dionísio (PLUTARCO, 1965, p. 291). Esse encontro foi muito relatado na literatura, teatro e cinema, como algo mágico, o encontro de dois deuses complementares.

<sup>5</sup> Um exemplo dessa vontade de Marco Antônio de colaborar para o crescimento do Egito foram as Doações de Alexandria, uma série de territórios, de origem egípcia ptolomaica, mas que estavam sob a posse romana, que foram realocados ao reino egípcio, servindo de presente para Cleópatra e seus quatro filhos. Essas doações caracterizaram como uma das maiores ofensas de Antônio à Roma, além do testamento dele em que pedia para ser enterrado em Alexandria após sua morte. (JONES, 2005.)

<sup>6</sup> Antônio, que era casado com Otávia, irmã de Otaviano, se divorcia.

Então, Cleópatra manda enviarem uma mensagem para Antônio, dizendo que ela estava morta, e ele resolve suicidar-se com um golpe de adaga no abdômen, infelizmente seu plano não funciona e ele não morre de imediato, sendo levado à tumba de Cleópatra, onde morre nos braços de sua amada. Após a morte de Antônio, a rainha pede que Otávio a deixe enterrá-lo com todas as honrarias, ele acata e assim Antônio é enterrado em Alexandria. Cleópatra VII, então, passa a tentar uma conciliação com Otávio, para garantir reinados para seus filhos, entretanto ao perceber que não obteria sucesso, também arquitetou seu suicídio, pelo veneno de uma áspide.

Com a morte de Cleópatra, Cesarião, que seria o novo rei do Egito também foi morto, em uma emboscada, enquanto retornava do exterior para Alexandria; já os três outros filhos de Cleópatra com Antônio, permaneceram vivos, mas exilados e sob os cuidados de Otávio César, dando por encerrada a dinastia ptolomaica no comando do Egito. Os territórios das Doações de Alexandria e o próprio reino do Egito passam a ser província de Roma. Sem espólio de guerra, já que Cleópatra suicidou-se antes de ser levada como triunfo à Roma, Otávio, que posteriormente virá a ser Augusto, primeiro imperador de Roma, continua sua propaganda negativa sobre Cleópatra e o Egito.

A última rainha do Egito Antigo teve seu nome marcado eternamente no ‘hall da fama’, tanto no que tange à historiografia, como nas artes, assim como já foi abordado anteriormente. Essas narrativas, que são tidas como fatos, constroem uma figura que há séculos vem sendo reproduzida pela historiografia ocidental. Essa figura, com todas as suas qualidades e defeitos, foi inspiração para peças de teatro, como *Antônio e Cleópatra*, de Shakespeare, e filmes épicos hollywoodianos, como o *Cleópatra* (1963), e até os dias atuais é assunto de documentários e livros de romances. A imagem sedutora, divina e vilanesca da rainha foi construída em cima de uma retórica que se utiliza de argumentos *ad personam*<sup>7</sup>, a fim de desacreditá-la.

Estando a par da trajetória de vida de Cleópatra VII, este trabalho irá analisar fontes primárias, a fim de elucidar quais excertos podem contribuir para a narrativa vilanesca da figura da rainha e, dessa forma, ocuparem um papel de destaque dentro da historiografia tradicional. Além disso, iremos apontar quais trazem um novo olhar sobre a mesma figura e, conseqüentemente, são apagadas pela historiografia. Ademais, será discutido sobre a facilidade,

---

<sup>7</sup> O argumento *ad personam* se pauta em atacar características pessoais do criticado. No caso de Cleópatra, características como sua sexualidade, sua relação com a religião e sua posição de poder servem de munição para um ataque que a deslegitime, não apenas em sua vida particular, mas também em sua vida pública. É justamente esse tipo de argumento que corrobora para a criação de uma narrativa que constrói uma imagem negativa da rainha do Egito. Referências sobre o assunto: [...]

ou não, de acesso às fontes citadas, levando em consideração a própria experiência da autora deste artigo. Refletiremos, também, sobre como a priorização do uso de um tipo de narrativa, em detrimento da multiplicidade, está inserida no ensino básico regular brasileiro e quais seus critérios.

Portanto, neste artigo serão trabalhados os pontos citados, a fim de construirmos uma rede argumentativa e de reflexão sobre como a historiografia ocidental retrata a figura da Cleópatra e como isso pode refletir no Ensino de História Antiga no Brasil, além de nos preocuparmos em apresentar outros pontos de vista sobre essa mesma persona.

### **Diversas visões sobre Cleópatra**

Para o desenvolvimento dessa pesquisa, foram selecionadas algumas fontes primárias, a fim de compreender melhor quais são os parâmetros utilizados para a construção da narrativa acerca da vida de Cleópatra VII, dentro da historiografia tradicional. Dessa forma, traremos aqui algumas obras que falem da líder egípcia, sendo elas: *As vidas dos doze Césares* (2012), de Suetônio, *Vidas de César* (2007), de Plutarco e Suetônio<sup>8</sup>, *Makers of Rome: Nine lives by Plutarch* (1965), *Dio's Roman History: in nine volumes*<sup>9</sup>, *The Chronicle of John, Bishop Of Nikiu* (1916) e *Les Prairies D'or* (1863), de Maçoudi.

À primeira vista já nos deparamos com obras em línguas estrangeiras. Isso se dá porque essas obras foram escritas, originalmente, em língua grega, latina e árabe, sendo assim, não são todas que possuem tradução direta para o português. Então, é necessário recorrer às línguas inglesa e francesa, cujas traduções desses escritos já foram realizadas há muito tempo. A partir disso, enfrentamos algumas questões, como a dificuldade de se estudar em uma outra língua que não a sua materna, além da dificuldade de localizar essas traduções para que possam ser analisadas. Para ter acesso às traduções, foi necessária uma vasta pesquisa online e disponibilidade financeira, além do melhoramento do conhecimento do inglês e do francês.

Vale ressaltar, também, que nenhuma dessas obras foi escrita especificamente e apenas sobre a vida de Cleópatra VII. Elas são biografias sobre a vida de outras pessoas, crônicas ou estudos mais amplos. Portanto, nenhuma dessas fontes se preocupou em fazer um resgate

---

<sup>8</sup> Tradução e notas de Antonio da Silveira Mendonça e Ísis Borges Belchior da Fonseca. Foi utilizado apenas o livro *César* e a introdução feita por Pedro Paulo A. Funari.

<sup>9</sup> Nesse caso, foram utilizados apenas os volumes IV (1916) e VI (1955).

minucioso sobre a trajetória de vida, seja no âmbito particular, ou no âmbito da vida pública, da rainha; embora ela seja retratada em vários momentos de sua vida, sobretudo durante as duas décadas de reinado.

Lançando mão dessas informações iniciais, seguiremos com a análise das fontes. Essa análise será dividida de acordo com alguns momentos da trajetória de Cleópatra VII. A vida da líder egípcia ganha destaque e espaço nas fontes utilizadas a partir da morte de seu pai, Ptolomeu Auletes, quando ela assume o trono juntamente com o seu irmão/marido, Ptolomeu XIII. Essa relação é estremecida, e mesmo Cleópatra sendo, pelo menos, 6 anos mais velha que seu irmão, ela acaba sendo banida para a Síria. Quando Júlio César foi ao Egito, acabou se envolvendo na guerra civil entre os irmãos que disputavam o reino. No intuito de apaziguar a situação, César coloca Cleópatra novamente como rainha, juntamente com seu segundo irmão/marido Ptolomeu XIV<sup>10</sup>, mas isso só foi possível após do confronto da Guerra de Alexandria.

Sobre essa situação, diz Plutarco:

Quanto à guerra que aí [Alexandria] mesmo ocorreu, uns dizem que ela não era necessária, mas que, motivada pelo amor de Cleópatra, foi para César inglória e cheia de riscos; (...) E ela, (...) embarcou em uma pequena embarcação e abordou no palácio real, quando já anoitecia. 2. Como era difícil passar às ocultas de outra maneira, ela entrou num saco de cobertas e estendeu-se ao comprido, enquanto Apolodoro, prendendo com uma correia o saco de cobertas, levou-o através das portas a César. 3. Diz-se que ele se deixou prender por esse primeiro estratagema de Cleópatra, pois ela se mostrou ousada, e além, disso, dominado pela conversação e por sua graça, reconciliou-a com o irmão para que reinasse com ele.<sup>11</sup>

Através desse trecho podemos perceber que, ainda que sutilmente, Plutarco insinua que para muitos (e, por que não, para ele também) o envolvimento de César nessa disputa de poder pelo trono egípcio era errado. Primeiramente, por conta dos perigos, que todo conflito militar oferece, aos quais César e seus soldados foram submetidos. Em segundo lugar, porque esse envolvimento teria sido inflamado pela sedução de Cleópatra sobre César. Uma vez que, ao narrar que ele deixou se prender pelo estratagema da rainha, reconciliou-a com seu irmão e lhe devolveu o trono, dá a entender que, caso Cleópatra não tivesse aparecido, com sua maneira ousada de ser, talvez Júlio César não se envolveria nesse conflito.

Entretanto, Suetônio, nos oferece uma outra explicação, que não, diretamente, a sedução de Cleópatra, para o envolvimento de Júlio César em uma guerra civil egípcia: “Vencedor, deu

<sup>10</sup> Ptolomeu XIII acabou morrendo afogado no fim da Guerra de Alexandria.

<sup>11</sup> SUETÔNIO; PLUTARCO. **Vidas de César**; tradução e notas Antonio da Silveira Mendonça, Ísis Borges Belchior da Fonseca. São Paulo: Estação Liberdade, 2007, p. 225-227.

o reino do Egito a Cleópatra e ao seu irmão mais moço, porque temia transformá-lo numa província que, nas mãos de um governador demasiadamente violento, se tornasse um motivo revolucionário.”<sup>12</sup>. A partir dessa passagem, fica claro que, ainda que Cleópatra não fosse demasiadamente sedutora e ousada, César poderia, sim, ter interesse no apaziguamento da briga. Isso, porque ele, como um dos maiores políticos romanos de sua época, não acharia interessante aproveitar-se da crise e transformar o Egito em uma província romana, visto que, sendo o reino egípcio coroado com muitas riquezas, poderia acabar sendo governado por um governador que usufruiria disso para comandar uma futura revolução contra Roma.

Já Dião Cássio, coloca que:

Caesar, upon seeing her [Cleopatra] and hearing her speak a few words was forthwith so completely captivated that he at once, before dawn, sent for Ptolemy and tried to reconcile them, thus, acting as advocate for the very woman whose judge he had previously assumed to be. (...) Afterward he entered an assembly of theirs, and producing Ptolemy and Cleopatra, read their father's will, in which it was directed that they should live together according to the custom of the Egyptians and rule in common, and that the Roman people should exercise a guardianship over them. (DIO CASSIUS, 1916, p. 169-171)<sup>13</sup>

Assim, podemos observar que o autor parece atribuir a sedução no modo de falar de Cleópatra VII como a causadora do envolvimento de Júlio César na Guerra de Alexandria. Não obstante, ele traz o elemento do testamento que Ptolomeu XII deixou, no qual ele pede que seus dois filhos mais velhos reinem junto, seguindo os costumes da família real egípcia. César, como representante de Roma, um território que há mais de dois séculos vinha estreitando laços com Alexandria, enxergava a necessidade de garantir que o testamento de Ptolomeu XII fosse cumprido, por isso, esse detalhe também pode justificar a sua participação na guerra civil e sua vontade que Cleópatra reinasse juntamente com Ptolomeu XIII.

Baseado nisso, é evidente como os mesmos fatos podem ser narrados de variados modos e a partir disso percebermos qual a posição que Cleópatra ocupa em cada relato. O caráter sedutor da rainha do Egito é quase uma unanimidade entre esses autores, porém, o que precisamos nos perguntar é como esse caráter sedutor foi construído e por que ele acaba sendo relacionado como uma característica negativa. Embora a sedução por si só não possa ser

<sup>12</sup> SUETÔNIO. **As vidas dos doze Césares**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2012, p. 27.

<sup>13</sup> César, vendo e escutando ela [Cleópatra] falar algumas palavras, foi tão imediatamente e completamente cativado que, antes do amanhecer, ele foi até Ptolomeu e tentou reconciliá-los, agindo como advogado da mulher que ele julgava que ela era. (...) Depois, em uma assembleia deles, ele apresentou Ptolomeu e Cleópatra, leu o testamento do pai deles, o qual pedia que eles deveriam viver juntos, de acordo com os costumes egípcios, e reinar juntos, e que os romanos deveriam exercer tutela sobre eles. [tradução nossa]

caracterizada como algo ruim, quando utilizada para fins manipulatórios, como sugere Plutarco e Dião Cássio, acaba por ter uma conotação deturpadora, manchando a imagem de Cleópatra.

Com Júlio César permanecendo em Alexandria, após a retomada de poder pela rainha, a relação política e amorosa com Cleópatra VII perdurou. Desse romance nasceu Cesarião, ou Ptolomeu XV. Embora a paternidade do menino nunca tenha sido reconhecida formalmente, devido às leis romanas, não parece se ter argumentos suficientes para relegar a paternidade de Cesarião a outro homem que não César. Sobre Cesarião, Plutarco, em *César*, afirma que “deixando Cleópatra reinando no Egito e, pouco depois, tendo ela dado à luz um filho seu, que os alexandrinos chamavam Cesarião, ele [César] partiu para a Síria.” (2007, p. 229). Aparentemente, o autor confirma a paternidade do menino em relação à Júlio César.

Entretanto, em *Mark Antony*, Plutarco demonstra não ter tanta certeza, “However, Caesarion, who was supposed to be Cleopatra’s son by Julius Caesar (...)”<sup>14</sup> (1965, p. 344). Ao dar a ideia de ‘suposição’, o autor reforça a premissa de que, talvez, Cesarião não fosse filho de Júlio César. De maneira parecida, age Suetônio. O autor narra que César

Tolerou, até, que pusessem no filho que tivera dela o próprio nome (57). Referem alguns gregos que este filho se parecia com César, não só no aspecto, como também no modo de andar. (...) Caio ópio [amigo de César], crendo que o fato necessitava ser restabelecido e justificado, publicou um livro com este título: *César não é o pai do filho, como diz Cleópatra*. (2012, p. 34)

Aqui, Suetônio, parece dar chance para as duas hipóteses: a de que Cleópatra realmente teve um filho com César e que esse filho era Cesarião, porém, ao trazer à tona o livro de título ‘*César não é o pai, como diz Cleópatra*’, de autoria de Caio Ópio, amigo de Júlio César, coloca em questionamento as próprias características físicas e o modo de andar que associariam César à paternidade de Cesarião.

Outrossim, “Cesário, que Cleópatra se jactava de ter tido com César, foi preso, na sua fuga, e entregue ao suplício.” (SUETÔNIO, 2012, p. 34). Como podemos observar nessa passagem, Suetônio ainda parece tender, igualmente a Plutarco, a desconfiar da paternidade de Cesarião. Já John, Bishop of Nikiu, demonstra não ter nenhuma dúvida de que Júlio César era pai do primeiro filho de Cleópatra, uma vez que fala que “Caesar fell in love with her and married her and begat a son by her (...) And he [Caesar] named that son Julius Caesar. He was also named Caesarion.” (JOHN, BISHOP OF NIKIU, 1916, p. 49)<sup>15</sup>

<sup>14</sup> No entanto, Cesarião, quem se supunha ser filho de Cleópatra com César (...) [tradução nossa]

<sup>15</sup> César se apaixonou por ela e se casou com ela e gerou um filho com ela (...) [tradução nossa]

Em um primeiro momento, a paternidade verdadeira de Cesarião pode não parecer um aspecto importante, já que pensando na magnitude das experiências vividas por Cleópatra, julga-se ser apenas um pequeno detalhe. Não obstante, Cesarião, se tivesse sido reconhecido legalmente, teria sido o primeiro (e único) filho biológico de Júlio César, seria seu principal herdeiro e, levando em consideração sua ascensão na vida pública e a consagração como o grande romano de sua era, Cesarião era quem seria o herdeiro de toda essa glória. Em outras palavras, Cesarião, após a morte de seu pai, seria o herdeiro de Roma. Vale lembrar que Cesarião também era o primogênito de Cleópatra, o que significa que o reino egípcio também seria herdado.

Ao pensar nisso, pode parecer a união perfeita, uma vez que o domínio romano completo sobre Alexandria vinha sendo pauta há muitos anos, mas Cesarião e Cleópatra não representavam o domínio de Roma sobre o Egito, mas sim uma união. E os romanos não pareciam querer fazer parte de um império egípcio-romano, com uma influência estrangeira forte e ter que dividir seu lugar de destaque; pensavam apenas em conquistar o território e fazer do Egito uma de suas províncias. Daí pode ter vindo toda a desconfiança que Suetônio e Plutarco exprimem. Cesarião antes de ser filho do grande Júlio César, era filho de Cleópatra, era egípcio e estrangeiro.

Um dos aspectos que cerceia a existência da última rainha do Egito tem que ver com sua aparência, sobretudo quando relacionado à sua forma de se portar, construindo um charme único. Apesar de não se saber, com certeza, como era sua aparência, e entender que beleza é um conceito relativo e subjetivo, Cleópatra parece ter sido muito atraente em sua época. Sua beleza é reconhecida até por autores que utilizam dela como um argumento para difamá-la. Alguns exemplos facilitarão a assimilação dessa ideia, um deles é que

She [Cleopatra] had already seen for herself the power of her beauty to enchant Julius Caesar and the younger Pompey, and she expected to conquer Antony even more easily. (...) but she was to meet Anthony at the age when a woman's beauty is at most superb and her mind at its most mature (...) but she relied above all upon her physical presence and the spell and enchantment which it could create. (...) Her own beauty, so we are told, was not of that incomparable kind which instantly captivates the beholder. But the charm of her presence was irresistible, and there was an attraction in her person and her talk, together with a peculiar force of character which pervaded her every word and action, and laid all who associated with her under its spell<sup>16</sup>. (PLUTARCH, 1965, p. 292-294)

---

<sup>16</sup> Ela já tinha visto, por ela mesma, o poder de sua beleza para encantar Júlio César e o jovem Pompeu, e ela esperava conquistar Antônio ainda mais facilmente. (...) mas ela conheceu Antônio na idade quando a beleza de uma mulher está mais soberba e sua mente mais madura (...) mas ela, acima de tudo, confiava em sua presença física e no feitiço e encantamento que essa presença poderia criar. (...) Sua beleza, assim como nos foi falado, não



Aqui, fica nítido como um narrador pode colocar que a beleza e o charme que Cleópatra possuía era usado como arma de sedução, assim, utilizando-se desses aparatos, seu corpo e sua postura, considerados belos, ela conseguia manipular grandes aliados e assim conseguir o que quisesse. É muito sintomático que os atos políticos de uma rainha que buscava por uma boa relação com Roma, em prol da segurança de seu próprio reino, sejam relegados à meras estratégias de sedução barata.

Dião Cássio também ilustrou essa má utilização da beleza por parte de Cleópatra:

For she [Cleopatra] was a woman of surpassing beauty, and at that time, when she was in the prime of her youth, she was most striking; she also possessed a most charming voice and a knowledge of how to make herself agreeable to every one. (...) She asked therefore for admission to his [Caesar] presence, and on obtaining permission adorned and beautified herself so as to appear before him [Caesar] in the most majestic and at the same time pity-inspiring guise.<sup>17</sup> (DIO CASSIUS, 1916, p. 169)

Nesse trecho, Dião Cássio elucida que Cleópatra tinha consciência de seus atributos e que, quando precisava ter uma reunião com César para fazer-lhe um pedido<sup>18</sup>, ela se empenhava para ficar bela e majestosa para se apresentar à frente do romano. Mais uma vez, vemos como uma característica comum (a de ser bela), é utilizada na integração de uma narrativa que coloca isso como um artifício usado de forma maldosa, para manipular o outro. Diferentemente desses, John, Bishop of Nikiu, coloca a beleza de Cleópatra em um plano mais ameno: “and he [Caesar] met queen Cleopatra, the daughter of Ptolomy, surnamed Dionysus, king of Egypt. And she was a very beautiful girl.”<sup>19</sup> (1916, p. 49). Nessa passagem, assim como no resto da obra referenciada, John não insinua que Cleópatra tenha feito da sua beleza a sua arma para conseguir manter uma boa relação com César.

Vimos aqui que três, dos quatro autores apresentados até agora, tendem a atribuir um *modus operandi* à Cleópatra, o que parece um tanto quanto iníquo. Colocar que uma rainha precisa apelar para a sedução para conseguir aliados políticos é desmoralizador, desrespeitoso e infamo à sua honra. Sendo a honra uma virtude tão importante para os romanos, parece

---

era do tipo incomparável que instantaneamente cativa o espectador. Mas o charme de sua presença era irresistível, e ali havia uma atração na pessoa e no falar dela, junto com uma peculiar força de caráter que permeia toda palavra e ação dela e que fez com que todos os que se associaram a ela ficassem sob seu feitiço. [tradução nossa]

<sup>17</sup> Pois Cleópatra de beleza inigualável, e naquele tempo, quando ela se encontrava no auge de sua juventude, ela era ainda mais impressionante; ela também possuía um charme na voz e o conhecimento de como se fazer agradável para qualquer pessoa (...) Ela pediu a administração que ela se apresentasse a ele [César], e quando conseguiu a permissão se adornou e se embelezou para que ela aparecesse para ele muito majestosa, mas ao mesmo tempo inspiradora de pena. [tradução nossa]

<sup>18</sup> Neste caso, o pedido tinha a ver com a ajuda para a reconciliação com Ptolomeu XIII. (SUETÔNIO, 1916, p. 169)

<sup>19</sup> E ele [César] conheceu a rainha Cleópatra, filha de Ptolomeu, sobrenome Dionísio, rei do Egito. E ela era uma linda garota. [tradução nossa]

coerente que, sendo ela uma rainha estrangeira, que parecia conseguir espaço numa relação amigável com Roma, ao invés de se deixar ser conquistada, fosse desacreditada. Em seguida, mais trechos exemplares serão expostos e poderemos refletir como esse é o cerne da argumentação contra Cleópatra, tal como é construído.

Pouco tempo após o assassinato de Júlio César, com o retorno de Cleópatra e Cesarião ao Egito, Marco Antônio necessita de ajuda financeira para continuar sua campanha de perseguição aos culpados da morte de César, além de já apresentar desavenças com Otaviano. Assim, ele pede ajuda à rainha egípcia e depois de tratativas por correspondentes, finalmente ambos se encontram. A partir desse momento, tornam-se parceiros políticos, militares e amantes. Mantiveram-se juntos, inclusive durante a Batalha do Áccio, momento que marca o início da derrocada dos dois. Entretanto, ao retornarem para Alexandria, após a derrota, e se verem sem condições de continuar uma retaliação contra Otávio César, iniciaram as tentativas de negociação com ele.

As negociações tinham o intuito de preservar suas vidas e de seus filhos e, Cleópatra tinha um desejo muito específico: que seu primogênito fosse o rei do Egito; inclusive foi ela quem tomou a frente das negociações, através de representantes. Apesar de Otávio ter declarado guerra contra Cleópatra, o seu principal inimigo era Marco Antônio, destarte, muitas propostas que eram enviadas à líder egípcia sugeriam uma traição à Antônio. Dião Cássio diz que “he [Octavius] hoped that by this means at least, since she thought it her due to be loved by all mankind, she would make away with Antony and keep herself and her money unharmed. And so it proved.”<sup>20</sup> (1955, p. 25).

Nesse trecho, o autor sugere que Otávio César tinha esperanças de que Cleópatra se livrasse de Antônio, a fim de se resguardar e manter sua fortuna, e que assim foi feito. A rainha se recluiu em sua tumba e de lá teria mandado um bilhete que avisava o amante que ela estava morta. Ao receber o recado, Marco Antônio quis que seu servo mais fiel o matasse com uma adaga. Já que seu ajudante preferiu matar-se, ao invés de atingir seu mestre, Antônio optou por ele mesmo se esfaquear na região do abdômen. Para seu sofrimento, não morreu na hora e ficou agonizando enquanto tentava ser socorrido; ao saber disso, Cleópatra pede para que o levem ao seu esconderijo e mais tarde ele morre no colo de sua amada. O mesmo autor acredita que com a morte de Antônio, Cleópatra passou a se sentir mais confiante em relação a constituir um novo

---

<sup>20</sup> Ele [Otávio] esperava que ao menos, já que ela pensava que seu dever era ser amada por toda a raça humana, ela iria se livrar de Antônio e manter ela e seu dinheiro ilesos. E assim se provou. [tradução nossa]

tipo de ligação com Otávio e por isso, imediatamente, mandou informá-lo sobre a morte de Marco Antônio (DIO CASSIUS, 1955, p. 31).

Plutarco também compartilha da mesma visão,

Octavius Caesar rejected Antony's petition, but he sent back word to Cleopatra that she would be granted any request within reason, on condition that she would put Antony to death or expel him from Egypt. (...) After this Cleopatra tried to redeem her fault and calm Antony's suspicions by showing him the greatest tenderness and affection.<sup>21</sup> (1965, p. 338-339)

Ele expõe os possíveis acordos, envolvendo traição, que Otávio oferecia à Cleópatra e ela, para tentar inibir qualquer suspeita que pudesse recair sobre a mente de Antônio, usava de ternura e afeição. Essas acusações são graves, sobretudo, porque traição é um dos piores pecados que podem ser cometidos pelo ser humano, tendo, inclusive, o nono e último círculo do inferno dantesco reservado para tal<sup>22</sup>. Quando somamos o uso da beleza e do charme como forma de sedução e manipulação com as acusações de traição contra o marido<sup>23</sup>, Cleópatra se transforma em uma mulher ardilosa, perversa e sem moral alguma, que faz qualquer coisa para conseguir o que quer.

E nem mesmo após sua morte, Cleópatra VII foi poupada de insultos:

Thus Antony and Cleopatra, who had caused many evils to the Egyptians and many to the Romans, made war and met their death in the manner I have described; and they were both embalmed in the same fashion and buried in the same tomb. (...) Cleopatra was of insatiable passion and insatiable avarice; she was swayed often by laudable ambition, but often by overweening effrontery. By love she gained the title of Queen of the Egyptians, and when she hoped by the same means to win also that of Queen of the Romans, she failed of this and lost the other besides. She captive the two greatest Romans of her day [Caesar and Mark Anthony], and because of the third [Octavius] she destroyed herself.<sup>24</sup> (DIO CASSIUS, 1955, p. 41-43)

Nessa passagem, fica bem claro o que o autor pensa sobre a rainha. Ele afirma que Cleópatra tinha interesse em se tornar a rainha dos romanos e falhou nisso, embora não se tenha nenhum

---

<sup>21</sup> Otávio César rejeitou a petição de Antônio, mas ele mandou de volta palavra para Cleópatra que ela seria garantida de qualquer pedido, com a condição de que ela colocasse Antônio morto ou em exílio do Egito (...) Depois disso, Cleópatra tentou diminuir sua culpa e acalmar a suspeita de Antônio demonstrando muita ternura e afeição. [tradução nossa]

<sup>22</sup> Na esfera judeca, além de Judas, traidor de Jesus, conta com Brutus e Cassius, traidores de Júlio César. ALIGHIERI, Dante. **Inferno**; traduzido por José Pedro Xavier Pinheiro. [recurso eletrônico], Jandira, SP: Principis, 2020.

<sup>23</sup> Ainda que, legalmente, não passassem de amantes, mesmo já tendo tido uma cerimônia para celebrar a união.

<sup>24</sup> Por isso, Antônio e Cleópatra, que tinham causado muitos males para os egípcios e muitos para os romanos, fizeram guerra e encontraram a morte da maneira que eu descrevi; e eles foram embalsamados da mesma forma e enterrados na mesma tumba. (...) Cleópatra era de paixão e avariza insaciável; ela foi influenciada por ambição louvável, mas por um descaramento presunçoso. Pelo amor ela ganhou o título de rainha dos egípcios, e quando ela esperava, do mesmo jeito, ganhar também o de rainha dos romanos, ela falhou nisso e perdeu o outro. Ela cativo os dois maiores romanos de sua época [César e Marco Antônio], e por causa do terceiro [Otávio] ela se destruiu. [tradução nossa]

escrito dela afirmando possuir esse tal desejo. Outrossim, reafirma a narrativa de ela ser uma mulher sedutora e ter conseguido cativar os dois homens mais poderosos de sua era e, ao falhar em exercer influência sobre o terceiro, acabou se destruindo; mais uma vez a ofendendo, como mulher e como líder.

Enquanto Dião Cássio afirma que Cleópatra causou muitos danos aos egípcios, John, Bishop of Nikiu, explicita uma outra visão:

And next she came to Alexandria, and reigned there. And she was great in herself and in her achievements (in) courage and strength. There was none of the kings who preceded her who wrought such achievements as she. 3. And she built in the confines of Alexandria a great (and) magnificent palace, and all that saw it admired it; for there was not the like in all the world. 4. And she built it on an island in the quarter of the north to the west of the city of Alexandria, outside the city and at a distance of four stadia. 5. And she raised a dike against the waters of the sea with stones and earth; and made the place of the waters over which they voyaged formerly in ships into dry land, and she made it passable on foot. (...) And next she constructed a canal to the sea, and she brought water from the river Gihon and conducted it into the city. And by this means she brought it about that ships could approach and enter the city and by this means there was great abundance. 8. Now the city was formerly without access to water, but she brought all the water it required (lit. made it full of water) so that ships could sail thereon, and by this means fish became abundant in the city. 9. And she executed all these works in vigilant care for the wellbeing of the city. And before she died she executed many noble works and (created) important institutions.<sup>25</sup> (JOHN, BISHOP OF NIKIU, 1916, p. 50)

De acordo com o autor, a rainha se ocupou com a realização de muitas obras de infraestrutura para seu reino, pensando no bem-estar de seu povo, o que refuta, totalmente, a ideia que Dião Cássio propagada: Cleópatra como causadora de males aos egípcios.

Antes de morrer,

Cleopatra collected together many kinds of deadly poisons, and tested these on prisoners who had been condemned to death, to discover which was the most painless. When she found that the drugs which acted most quickly caused the victim to die in agony, while the milder poisons were slow to take effect, she went on to examine the lethal qualities of various venomous creatures which were made to attack one another in front of her. She carried on these experiments almost every day, and after trying

---

<sup>25</sup> E depois ela veio para Alexandria e reinou lá. E ela era ótima por si mesma e suas conquistas em coragem e força. Nenhum dos reis que vieram antes dela tiveram conquistas como as dela. E ela construiu no fim de Alexandria um grande e magnífico palácio, e todos que o viram o admiraram; pois não tinha um igual no mundo todo. E ela o construiu em uma ilha no quadrante norte a oeste da cidade de Alexandria, fora da cidade e a uma distância de quatro estádios. E ela levantou um dique contra as águas do mar com pedras e terra; e ela fez o lugar das águas, que eles viajavam anteriormente com navios, em terra seca e ela o fez transitável a pé. (...) E depois ela construiu o canal para o mar, e ela trouxe água do rio Gihon e conduziu para a cidade. E por isso ela fez com que os navios pudessem se aproximar e entrar na cidade e isso significava muita abundância. Antigamente a cidade não tinha acesso à água, mas ela trouxe toda a água que era preciso (lit. encheu de água), para os navios poderem navegar, e isso significa que peixes se tornaram abundantes na cidade. E ela fez todos esses trabalhos em vigilante cuidado pelo bem-estar da cidade. E antes de ela morrer ela fez muitos trabalhos nobres e (criou) importantes situações. [tradução nossa]

almost every possibility, she discovered that it was the bite of the asp alone which brought on a kind of drowsy lethargy and numbness.<sup>26</sup> (PLUTARCH, 1965, p. 337)

Através desses experimentos, Cleópatra teria se suicidado com a picada de uma áspide. Todavia, além desses experimentos com venenos para a utilização em si própria, a rainha egípcia, durante toda a sua vida, se mostrou muito ligada a estudos acadêmicos.

Ainda que esse lado estudioso de Cleópatra não seja muito explorado nos escritos de Plutarco, Dião Cássio e Suetônio, Maçoudi, estudioso árabe, traz um pouco de algumas áreas nas quais a líder do Egito teria desenvolvido estudos:

C'était une princesse versée dans les sciences, adonnée à l'étude de la philosophie et admettant les savants dans son intimité. Elle composa, sur la médecine, les charmes, et d'autres parties des sciences naturelles, des ouvrages qui portent le nom de leur auteur, et sont connus des hommes versés dans l'art de la médecine. (...) Il n'ignorait pas à quel point elle était versée dans l'étude des sciences naturelles, et il voulait apprendre d'elle les précieux secrets qu'elle possédait, comme le dernier représentant des sages de la Grèce.<sup>27</sup> (MAÇOUDI, 1863, p. 287-287)

Maçoudi afirma que Cleópatra não apenas se dedicava às ciências naturais e à medicina, como também à filosofia. Para alguns pode parecer estranho que uma mulher, ainda que fosse rainha, no século I a.C., pudesse ter acesso à tantos conhecimentos, mas, no Egito, diferentemente de Roma, por exemplo, as mulheres tinham outros papéis. Não era impossível que mulheres pudessem aprender a ler e a escrever, além de ocupar cargos de trabalho específicos. Em um reino que, tinha por tradição ter uma mulher como co-governante, os estudos para mulheres da família ptolomaica eram ainda mais reais<sup>28</sup>. Logo, Cleópatra, como filha do faraó Ptolomeu XII, teria possuído a mesma instrução que seus irmãos, ou então uma instrução muito próxima a deles.

---

<sup>26</sup> Cleópatra coletou muitos tipos de venenos mortais, e ela os testou em prisioneiros que tinham sido condenados à morte, para descobrir qual era o que causava menos dor. Quando ela descobriu que a droga que agia mais rápido era a que fazia a pessoa morrer em agonia, enquanto a mais leve era mais devagar para ter o efeito, ela examinou as qualidades letais de várias criaturas venenosas que era colocadas para atacarem uma à outra na frente dela. Ela levou esses experimentos quase todos os dias, e depois tentando quase tudo possível, ela descobriu que era apenas uma picada de uma áspide que trazia uma espécie de letargia e dormência. [tradução nossa]

<sup>27</sup> Era uma princesa estudiosa das ciências, dedicada ao estudo da filosofia e admitia estudiosos em sua intimidade. Ela compôs, sobre a medicina, os charmes, e outras partes das ciências naturais, de obras com o nome de seu autor, e são conhecidas por homens estudiosos na arte da medicina. (...) Ele não ignorava àquele ponto que ela era estudiosa de ciências naturais, e ele queria aprender dela os preciosos segredos que ela possuía, como a última representante dos sábios da Grécia. [tradução nossa]

<sup>28</sup> PRATAS, Glória Maria D. L.. Trabalho e religião: o papel da mulher na sociedade faraônica. **Mandrágora**, v.17. n. 17, 2011, p. 160-163.

Sobre a autoria de obras escritas, Jack Lindsay tece um trabalho muito importante. De acordo com a autora, o nome creditado à livros de venenos e cosméticos é Kleopatra, e o escritor Ibn-Wahs-Chijjah à associa com a rainha Cleópatra VII<sup>29</sup>,

nothing improbable about the Queen being connected with a work on cosmetics; and as the manufacture of cosmetics and perfumes contributed to the working-out of alchemic methods, there may thus be a slight link between her and the art.<sup>30</sup> (LINDSAY, 1970, p. 253)

Além disso, a rainha ainda estabeleceu diversos diálogos filosóficos, sobretudo acerca da natureza, da reprodução humana e da religião egípcia<sup>31</sup>. A partir disso, podemos supor que Cleópatra VII não se resumia apenas a utilização de seus atributos como forma de seduzir e manipular possíveis aliados, como alega a narrativa tradicional.

Além de tudo isso já explicitado, reconhecemos ainda mais o detrimento da figura da Cleópatra quando ela é colocada em comparação com outras mulheres. Para exemplificar essa ideia, utilizaremos algumas passagens de Plutarco sobre Otávia, irmã mais velha de Otávio César, e terceira esposa de Marco Antônio<sup>32</sup>. Quando eles se casaram, Antônio já tinha uma relação sólida com Cleópatra, em teoria elas eram, naquele momento, rivais. Lançando mão disso, Plutarco tece diversos elogios à romana, principalmente em relação à sua beleza, seu caráter digno e bom senso (PLUTARCO, 1965, p. 298).

Plutarco é um autor que corrobora bastante para a construção de uma figura negativa de Cleópatra, poderíamos, então, pensar na hipótese que o problema dele é com o fato de Cleópatra ser uma *mulher* em uma posição de poder, que se envolvia e assumia protagonismo em conflitos políticos e militares. De fato, parece bastante pertinente. Não obstante, quando o mesmo autor se refere à Otávia, cujo casamento com Antônio ocorreu, sobretudo, por razões políticas, em relação ao envolvimento dela nos conflitos entre seu irmão e seu marido, ele não o faz com o mesmo tom que tece críticas à Cleópatra. Podemos ver isso em:

Besides these concessions Octavia persuade her husband to make over twenty light vessels to her brother, and her brother a thousand infantrymen to her husband (...) But now the fatal influence, that is his passion for Cleopatra, which for a long while had lain dormant is his heart, and which appeared to have been charmed away or at least

<sup>29</sup> LINDSAY, Jack. **The origins of alchemy in Graeco-Roman Egyptian**. Frederick Muller, London, 1970, p. 253.

<sup>30</sup> Nada improvável que a rainha estivesse conectada com o trabalho de cosméticos; e como a manufatura de cosméticos e perfumes contribuiu para a elaboração de métodos alquímicos, pode haver ligeira ligação entre ela e a arte. [tradução nossa]

<sup>31</sup> Para saber mais: LINDSAY, Jack. **The origins of alchemy in Graeco-Roman Egyptian**. Frederick Muller, London, 1970, 452p.

<sup>32</sup> O casamento dos dois nasce de uma tentativa de reconciliar Marco Antônio e Otávio.

lulled into oblivion by wiser counsels, suddenly gathered strength and blazed once more into life as he approached the coast of Syria.<sup>33</sup> (PLUTARCH, 1965, p. 303)

Além disso, ele continua reafirmando a rivalidade das duas, dando ênfase nos truques de sedução e falsidade que Cleópatra VII envolvia Marco Antônio, sempre pensando em seu próprio bem:

Cleopatra now saw that her rival was preparing to challenge her influence at close quarters. She was afraid that if to her natural dignity and her brother's power Octavia could once add the charm of her daily society and her affectionate attention, she would win complete control of her husband and make her position unassailable. So she pretended to be consumed with the most passionate love for Antony, adopted a rigorous diet, and succeeded in making her body waste away. Whenever Antony came near her she would fix her eyes on him with a look of rapture, and whenever he left she would appear to languish and be on the verge of collapse. She took great pains to arrange that he should often see her in tears, and then she would quickly wipe them away and try to hide them as if she did not wish him to notice, and she kept up this elaborate performance all the time that he was preparing to march from Syria and join the king of Media.<sup>34</sup> (PLUTARCH, 1965, p. 320)

Levando isso em consideração, parece-nos que o problema de Plutarco, talvez não seja com o fato de Cleópatra ser uma mulher que se envolve em conflitos que, de acordo com os costumes romanos, seria puramente masculino. Mas sim, parece que ele tem uma questão com o fato de ela ser uma *mulher estrangeira* que tem uma relação estreita com um dos grandes romanos de sua época (já tendo tido relação com outro) e que se porta de maneira contrária do que se espera de mulheres romanas. Essa hipótese (de ser um problema com ela ser estrangeira) pode ser exemplificada, “Yet it was not she whom the Romans pitied so much as Antony for his folly, especially those who had seen Cleopatra and knew that she had neither Octavia’s youth nor her beauty.”<sup>35</sup> (PLUTARCH, 1965, p. 324).

Ao apontar que os romanos não têm piedade de Cleópatra, pois ela não teria a mesma beleza e juventude de Otávia, percebemos, novamente como a irmã do futuro imperador de

---

<sup>33</sup> Além dessas concessões, Otávia persuadiu seu marido para fazer mais ou menos 20 navios leves para seu irmão, e o irmão dela mil homens da infantaria para seu marido (...) Mas agora a influência fatal, que é seu amor por Cleópatra, cuja por longo tempo esteve dormente em seu coração, e que apareceu que tinha sido encantado ou pelo menos embalado no esquecimento por sábios conselhos, de repente ganhou força e brilhou uma vez mais que ele se aproximou da costa da Síria. [tradução nossa]

<sup>34</sup> Cleópatra agora viu que sua rival estava se preparando para desafiar sua influência de perto. Ela estava com medo de que usando sua dignidade e o poder do irmão dela, Otávia poderia adicionar encanto a sua sociedade rotineira e afeiçoar sua atenção, assim ela ganharia completo controle sobre seu marido e a colocaria em uma posição intocável. Assim, ela pretendeu ser consumida pela maior paixão por Antônio, adotou uma rigorosa dieta e conseguiu perder peso. Sempre que Antônio chegava perto dela, ela fixava seus olhos nele com um olhar de êxtase, e sempre que ele saía ela parecia definhando e estar à beira de um colapso. Ela se esforçou para que ele secasse suas lágrimas, e quando ela rapidamente tentava secá-las e escondê-las como se ela não desejasse que ele percebesse, e ela manteve essa performance elaborada todo o tempo que ele estava se preparando para marchar da Síria e se juntar ao rei da Média. [tradução nossa]

<sup>35</sup> Porém, não era ela quem os romanos pena do mesmo tanto que Antônio por sua loucura, especialmente aqueles que tinham visto Cleópatra e sabiam que ela não tinha nem a juventude nem a beleza de Otávia. [tradução nossa]

Roma ocupa um lugar de ideal feminino romano, o qual Cleópatra jamais se integraria, primeiramente, porque não era uma mulher romana e, secundamente, porque não parecia ter vontade de se despir de seus costumes egípcios a fim de se integrar em outro padrão. Se o problema com Cleópatra era ser apenas uma mulher que se envolvia na política e conflitos militares, então o autor deveria manter o tom com Otávia, que tinha bastante influência sobre seu irmão e buscava apaziguar os conflitos dele com seu marido.

Não apenas Otávia, mas também Fúlvia, segunda esposa de Antônio, acaba se envolvendo nos conflitos políticos de seu amado, inclusive “Cleopatra was indebted to Fulvia for teaching Antony to obey a wife's authority, for by the time he met her, he had already been quite broken in and schooled to accept the sway of women.”<sup>36</sup> (PLUTARCH, 1965, p. 280). Quando colocamos em comparação ao modo que Plutarco fala sobre Cleópatra fica claro que o problema dele não é com a classe de mulheres em geral, mas sim com Cleópatra e os possíveis riscos que ela, como uma líder de um outro reino, oferecia a Roma. Tendo em vista tudo o que observamos até agora, podemos concluir que a narrativa negativa sobre a vida de Cleópatra é sustentada por fontes primárias, porém podemos nos perguntar por que isso ocorre, uma vez que ambas as fontes citadas anteriormente datam de anos após a vivência da rainha.

A resposta para continuarem perpetuando essa figura vilanesca pode advir da estratégia propagandística de Otávio César. Após as Doações de Alexandria<sup>37</sup>, em 34 a.C., Otávio dá início à uma propaganda a fim de corromper a imagem de Antônio. Essa propaganda se intensificou até a Batalha do Áccio e foi uma política de Otávio até mesmo após a anexação de Alexandria, como província romana, e a morte de Cleópatra e Antônio. Como já dito nesse mesmo trabalho, o grande inimigo de Otávio era, de fato, Marco Antônio, entretanto, com o intuito de evitar uma nova guerra civil romana, já que não fazia tanto tempo que Júlio César e Pompeu deflagraram uma, Otávio César preferiu declarar guerra contra Cleópatra, amante e aliada de Antônio.

Logo, muitas ofensas que eram dirigidas à Antônio tinham conotação com seu envolvimento com Cleópatra VII, principalmente porque Otávio se aproveitava do caráter xenofóbico que era muito presente entre os romanos, “Cleopatra was embroiled in this, and all the Roman prejudices against foreigners and barbarian women came forward; most of the

---

<sup>36</sup> Cleópatra estava em débito com Fúlvia por ter ensinado Antônio a obedecer a autoridade de uma esposa, pois quando ele a conheceu, ele já estava treinado a aceitar a influência das mulheres. [tradução nossa]

<sup>37</sup> Marco Antônio, como responsável pela parte leste das províncias romanas, deu vários territórios que antes foram egípcios, mas que passaram a ser romanos, para Cleópatra VII e seus filhos.



popular tales about her personality and lifestyle date from this period.”<sup>38</sup> (ROLLER, 2010, p. 5). Dessa maneira, tudo o que era relacionado à Cleópatra e a cultura egípcia era visto de forma negativa, principalmente porque Antônio, cada vez mais, se inseria nessa cultura, se afastando de seus traços tipicamente romanos.

À essa época, era muito comum a associação às divindades e heróis, tanto nas religiões greco-romanas, como na religião egípcia. Cleópatra VII, assim como a maioria das rainhas egípcias era associada à Ísis<sup>39</sup>, uma figura muito adorada como mãe (de Hórus) e esposa (de Osíris); a rainha, ao que concerne os relatos, parecia se utilizar bastante dessa associação divina. Marco Antônio alegava que sua família tinha origem de Anton, um dos filhos do herói Hércules<sup>40</sup>; também costumava ser muito associado ao deus grego Dionísio<sup>41</sup> que, coincidentemente, era o deus grego mais próximo à forma de Osíris, que vinha a ser marido de Ísis, que nesse caso, era Cleópatra VII. Dessa forma, Cleópatra e Antônio, performando serem Ísis e Dionísio, se tornavam um casal poderoso na cultura do oriente e na África.

A cultura egípcia era um tanto quanto carregada de luxúria, principalmente dentro de palácios e na corte. Era comum que os jantares fossem verdadeiros banquetes e que houvesse muito ouro e preciosidades distribuídos aos convidados; a comida e as bebidas também eram abundantes. Marco Antônio, que mesmo antes de morar no Egito com Cleópatra, já possuía hábitos um tanto quanto extravagantes, principalmente no que diz ao consumo de bebida alcoólica e casos extraconjugais, quando estava em Alexandria ou em regiões orientais, extrapolava ainda mais seus hábitos extravagantes. A associação dele com Dionísio era muito certa e seu casamento com Cleópatra/Ísis chamava ainda mais atenção para o casal.

Já Otávio, possuía características muito mais serenas. Apesar de bem mais jovem do que seu rival, Otávio era um ótimo estrategista e costumava se associar ao deus Apolo, que representava a racionalidade. Dessa forma, Otávio conseguia construir uma imagem bem distinta de Antônio, enquanto o primeiro representava os valores romanos, o segundo representava a cultura estrangeira oriental. Além disso, Otávio, sendo filho adotivo de César, melhorava a sua imagem ainda mais, isso porque a família juliana alegava ter descendência de *Venus Genetrix* e o próprio Júlio César foi deificado. Portanto, Otávio construía sua imagem

---

<sup>38</sup> Cleópatra estava envolvida nisso, e todos os preconceitos romanos contra estrangeiros e mulheres bárbaras vieram à tona; a maioria dos contos populares sobre sua personalidade e estilo de vida vieram dessa época. [tradução nossa]

<sup>39</sup> Menos comumente, também era associada à Vênus.

<sup>40</sup> Filho de Zeus.

<sup>41</sup> Deus do vinho e da loucura.

muito voltada a representar as grandes virtudes romanas e assumir seu posto de herdeiro de César. A identificação com divindades era benéfica para ambos os lados (JONES, 2006, p. 97)

Em resumo, Cleópatra e Antônio viviam de maneira luxuosa demais para as virtudes romanas, portanto, essas características ajudavam ainda mais na propaganda de Otávio<sup>42</sup>. E Cleópatra VII tinha um papel importantíssimo nesse cenário:

But it was of course Cleopatra who was the unspoken target of the accusations. (...) These attacks and carefully laid rumors were the basis for the negative tradition about Cleopatra that found literary expression in the writers of the Augustan era and which has pervaded the popular view of the queen ever since. (...) She was said regularly to use monsters, magic, and witchcraft to achieve her ends, and was an infamous poisoner who almost tricked Antonius into drinking one of her concoctions. (...) The extravagant lifestyle of the couple—Cleopatra allegedly sent love letters to Antonius on onyx or crystal tablets—was a constant cause for criticism, since Egyptian wealth, although avidly desired by Rome, was looked upon with suspicion.<sup>43</sup> (ROLLER, 2010, p. 130)

Transformando suas características e seus elementos culturais em defeitos, era Cleópatra que, com seu charme sedutor e seus costumes luxuosos, transformava Antônio, fazendo com que ele se afastasse ainda mais de seus costumes romanos. Isso foi repassado por vários anos e reflete, até hoje, na historiografia tradicional e no imaginário geral.

Outro ponto bastante interessante é que a guerra de propagandas foi bem dividida, geograficamente falando. Parece-se que tinha um público específico a ser conquistado e era o povo romano. Se queriam convencer e ganhar apoio de alguém não parecia ser nenhum outro povo que não os romanos, “(...) realizing that the war of words with Antony would be won or lost in Rome and not in the east”<sup>44</sup> (JONES, 2006, p. 96). Então, levando em consideração que o apoio disputado em questão era dos romanos, Cleópatra se tornava uma “carta na manga” de Otávio, isso porque, como já dito anteriormente, ela não representava nada das qualidades romanas:

The image Cleopatra had created for herself, while extremely effective in the east, provided ample fodder for Octavian’s negative campaigning. While Isis was a popular

---

<sup>42</sup> Ressaltamos também que não era apenas Otávio que atacava. Marco Antônio já chegou a acusá-lo de dormir com mulheres casadas e de ele ter sido adotado por Júlio César após se submeter a vontades sexuais do general. (JONES, 2006, p. 94-95)

<sup>43</sup> Mas era claro que Cleópatra era o alvo das acusações. (...) Esses ataques e rumores cuidadosamente elaborados eram a base para a tradição negativa sobre Cleópatra que encontrou expressão literária nos escritos da era de Augusto e que permeou a visão popular da rainha desde então. (...) Regularmente, era dito que ela usava monstros, magia e feitiçaria para atingir seus objetivos, e era uma infame envenenadora que quase enganou Antônio para que ele bebesse uma de suas misturas. (...) O estilo de vida extravagante do casal – era alegado que Cleópatra enviava cartas de amor para Antônio em ônix ou tábuas de cristal – era constante causa de críticas, já que a riqueza do Egito, embora muito desejada por Roma, era vista com desconfiança. [tradução nossa]

<sup>44</sup> (...) percebendo que a guerra de palavras com Antônio seria vencida ou perdida em Roma e não no leste [tradução nossa]

goddess, her cult did not find favour with the Roman leadership. Indeed, worship of Isis had, at times, been banned from the city of Rome.<sup>45</sup> (JONES, 2006, p. 98)

Tradicionalmente a historiografia costuma contar a ‘história dos vencedores’<sup>46</sup>, assim sendo, muitos elementos que Otávio César utilizou na propaganda contra Cleópatra e Antônio assumiram o papel de verdade e são perpetuados até hoje. O romano divulgou amplamente que o principal plano de Cleópatra era ser rainha de Roma, e sendo os romanos um povo essencialmente xenofóbico, era impensável ter uma rainha e ainda mais estrangeira, advinda de costumes tão adversos como Cleópatra, que fazia Antônio agir de maneira inadequada. (JONES, 2006, p. 99).

In Octavian’s propaganda, Antony became a man emasculated by a powerful woman and a Roman citizen who had renounced his homeland in favour of Egypt<sup>47</sup>. Because his love for Cleopatra had rendered him incapable of rational thought, he was completely under her spell and, thus a great danger to Rome.<sup>48</sup> (Idem)

Assim, mesmo após sua morte, a propaganda de Otávio continuou tendo efeito na construção de uma imagem negativa de Cleópatra VII, até mesmo como uma forma de vingança, uma vez que tendo ela se suicidado, ele não pôde colocar em prática o seu plano de entrar em Roma com ela como troféu de conquista. A imagem da última rainha do Egito vem sendo deturpada e pouco realmente se sabe de sua trajetória que não seja envolta por esses resquícios da propaganda augusta contra ela:

Even though Cleopatra is probably the most famous woman from classical antiquity, the literary accounts of her life and career are sparse. This is attributable largely to the limited information about women, even famous ones, that pervades Greek and Roman literature and to the effects of the destruction of her reputation in the propaganda wars of the latter 30s b.c.<sup>49</sup> (ROLLER, 2010, p. 7)

---

<sup>45</sup> A imagem que Cleópatra tinha criado para si mesma, enquanto era extremamente eficiente no leste, forneceu muito material para a campanha negativa de Otaviano. Ainda que Ísis fosse uma deusa popular, seu culto não encontrou espaço na liderança romana. Na verdade, a adoração à Ísis foi, às vezes, banida da cidade de Roma. [tradução nossa]

<sup>46</sup> JONES, Prudence. CLEOPATRA: A sourcebook. University of Oklahoma Press, 2006, p. 135.

<sup>47</sup> NOTA MINHA: De acordo com Plutarco, Marco Antônio teria pedido que, mesmo que morresse em Roma, gostaria de ser enterrado em Alexandria, no mesmo Fórum que Cleópatra esteve construindo. (JONES, 2006, p. 142). Isso era uma grande afronta para os romanos, tendo um general e político tão importante, preferindo morrer e ser enterrado como um estrangeiro.

<sup>48</sup> Na propaganda de Otaviano, Antônio se tornou um homem emasculado por uma mulher poderosa e um cidadão romano que tinha renunciado sua terra natal em favor do Egito. Por causa de seu amor por Cleópatra rendeu a ele incapacidade de pensar racionalmente, ele estava completamente sob seu feitiço, portanto, um grande perigo para Roma. [tradução nossa]

<sup>49</sup> Mesmo que Cleópatra seja, provavelmente, a mulher mais famosa da antiguidade clássica, os relatos literários sobre sua vida e carreira são escassos. Isso é muito atribuído às poucas informações sobre mulheres, mesmo as famosas, que estão na literatura grega e romana e os efeitos da destruição da reputação de Cleópatra na guerra de propaganda no final dos anos 30 a.C. [tradução nossa]

Por fim, “Octavian waged a propaganda war against Antony and Cleopatra, stressing Cleopatra’s status as a woman and a foreigner who wished to share in Roman power.”<sup>50</sup> (JONES, 2006, p. 14).

### **Cleópatra no ensino de História no Brasil**

Pudemos observar, até agora, como teria se dado a construção de uma imagem negativa de Cleópatra VII. Sabemos, também, que essa imagem é propagada mesmo muitos séculos depois da morte da rainha. Na historiografia, é notável um movimento de revisão dessa imagem negativa e esforços para compreender a vida de Cleópatra através de outras fontes, além dos muitos trabalhos ligados ao Afrocentrismo e o resgate da africanidade da líder egípcia<sup>51</sup>. Nas produções artísticas, algo semelhante vêm acontecendo, mesmo que em proporções menores; alguns filmes e documentários sobre Cleópatra VII estão começando a deixar de lado o personagem estereotipado de uma mulher perversa que usa de sua beleza e sexualidade para seduzir e manipular generais romanos, para, sem necessariamente negar a ‘Cleópatra meretriz’ e apresentar uma nova face da egípcia, adentrar as discussões étnico-raciais.

Agora, nos perguntamos como Cleópatra VII é abordada no ensino de História no Brasil. A resposta é mais simples do que parece: a rainha não é sequer citada em seis dos sete livros e manuais<sup>52</sup> que foram consultados ao longo da produção deste artigo. A partir disso, somos tomados por alguns questionamentos. Que Cleópatra foi uma das mulheres mais poderosas da Antiguidade ninguém pode negar, independentemente se retratada de maneira superficial e negativa, ou dando enfoque aos seus estudos de alquimia, nem mesmo o mais xenofóbico dos romanos pode negar a fama adquirida pela líder egípcia. Então, por que ela sequer é citada em alguns livros didáticos?

---

<sup>50</sup> Otaviano travou uma guerra de propaganda contra Antônio e Cleópatra, evidenciando o status de Cleópatra como mulher e estrangeira que desejava dividir o poder romano. [tradução nossa]

<sup>51</sup> As questões raciais acerca de Cleópatra VII (e dos egípcios antigos, de forma geral) são importantíssimas e merecem serem discutidas amplamente dentro da historiografia. Por mais que esse não seja o objetivo deste presente trabalho, ressaltamos a importância da discussão.

<sup>52</sup> Araribá Mais História – 6º ano, organizado por Ana Claudia Fernandes (2018); Cadernos de Apoio à Aprendizagem – 1ª série E.M., Governo do Estado da Bahia (2021); História. Sociedade e Cidadania – 6, autoria de Alfredo Boulos (2018); História Global – 1, autoria de Gilberto Cotrim (2016); Material de Apoio Pedagógico para Aprendizagens – 6º ano, Governo do Estado de Minas Gerais (2022); Teláris – História 6, autoria de Cláudio Vicentino e José Bruno Vicentino (2018); Vontade de Saber – História 6, autoria de Adriana Machado Dias, Keila Grinberg e Marco Pellegrini (2018).

Bom, não sabemos se conseguiremos chegar a uma resposta única e correta, mas existem algumas reflexões que podemos tecer para tentar compreender a falta da última líder da dinastia ptolomaica nos livros didáticos. O primeiro ponto que podemos estabelecer é que o fato de Cleópatra VII não ser citada nesses seis livros didáticos e manuais para professores não significa que ela não tenha sido citada em outros. Seria impossível analisar todas as obras desse setor existentes no Brasil, ou mesmo de um único estado. O segundo ponto é que os livros didáticos e manuais não engessam completamente o trabalho do docente; acreditamos na autonomia que cada professor adota em seus planejamentos e a maneira de conduzir a aula dentro de sala. Portanto, mesmo que Cleópatra não apareça nesses livros, não significa que ela não seja incluída nas aulas de alguns professores.

Algumas outras hipóteses, do porquê ela não ter lugar nesses livros didáticos, também podem ser evocadas. A História Antiga, no geral, enquanto parte do componente curricular do ensino regular de ensino (História), passou por alguns momentos conturbados: há menos de uma década, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), em sua primeira versão (2016), praticamente excluiu os assuntos de Antiguidade de seu currículo. Isso ocasionou inúmeras manifestações e críticas de professores e pesquisadores da área, que apontaram que a produção da base curricular foi feita sem a devida consulta aos grupos de trabalho e pesquisa do tema<sup>53</sup>.

Essa exclusão teria se dado devido ao compromisso com a História do Brasil, visto que a História Antiga, primeira do modelo quadripartite<sup>54</sup>, acabaria reiterando o teor eurocêntrico que a ciência História adquire desde seu nascimento, no século XIX, porque dentro disso, é na Antiguidade que os Estados-nações europeus reclamam sua origem. Entretanto, como elucidado por Gilberto da Silva Francisco, “a ideia de herança cultural, de civilização e de ocidente, para serem discutidas criticamente na redefinição de fronteiras e posições no debate histórico, dependem do conhecimento da História Antiga” (2017, p. 40). Em concordância com o autor, percebemos que o intuito de quebrar com as amarras de um ensino de História pautado no eurocentrismo não pode, simplesmente, excluir os estudos de Antiguidade e assumir que não se pode realizar uma História Antiga que vá contra o ocidentalismo.

Ademais, a experiência da sociedade brasileira com a dita História Antiga está relacionada, não apenas ao ensino, mas também – e principalmente – com as mais variadas

---

<sup>53</sup> SANTOS, Dominique. O ENSINO DE HISTÓRIA ANTIGA NO BRASIL E O DEBATE DA BNCC. **Outros Tempos**, vol. 16, n. 28, 2019, Outros Tempos, vol. 16, n. 28, 2019, p. 128 - 145. ISSN: 1808-8031. DOI: <http://dx.doi.org/10.18817/ot.v16i28.703>. Acesso em: maio/2023.

<sup>54</sup> História Antiga, História Medieval, História Moderna e História Contemporânea.

formas de conhecimento ‘não-escolar’, como as diferentes artes (cinema, pinturas, programas de televisão, documentários etc.)<sup>55</sup> e em redes sociais. Dessa forma, percebemos um certo “contato cultural” do brasileiro<sup>56</sup> com as temáticas tratadas como antigas. Em sua última versão, a BNCC retoma a importância da “invenção do mundo clássico e o contraponto com outras sociedades” (BRASIL, 2017, p. 420) e institui a necessidade de “(EF06HI07) Identificar aspectos e formas de registro das sociedades antigas na África, no Oriente Médio e nas Américas, distinguindo alguns significados presentes na cultura material e na tradição oral dessas sociedades.” (Ibidem, p. 421). São esses os componentes curriculares que hoje norteiam o ensino de História da África Antiga, que é onde se encontra o Egito e Cleópatra poderia ser abordada.

No manual do professor, História Global 1, de Gilberto Cotrim (Editora Saraiva), de 2016, foi pensado pelo autor para alunos do 1º ano do Ensino Médio. Esse é o único livro didático/manual para professor que cita Cleópatra VII. A rainha é referenciada seis vezes. Das seis vezes em que seu nome aparece, três delas são nos capítulos que integram o livro didático, na parte destinada aos alunos. As outras três citações são exclusivas do manual do professor. Voltando às três citações nos capítulos direcionados aos alunos, a primeira acontece no capítulo destinado ao Egito; ela acontece na página 69, dentro de uma divisão que fala sobre a sociedade egípcia e no assunto ‘faraó’, Cleópatra é dada como um exemplo de mulher que tinha atuado como faraó. A segunda aparição é no capítulo direcionado à Grécia Antiga; na página 111, abordando a fragmentação do Império Macedônico, o autor relembra a ida do general Ptolomeu para o Egito e a origem da dinastia cuja Cleópatra pertencia.

Já a terceira referência à Cleópatra acontece no capítulo destinado à Roma Antiga,

Em 43 a.C., estabeleceu-se um novo governo em Roma, formado por Marco Antônio, Otávio e Lépido. Sucedeu-se uma série de lutas políticas e militares entre esses líderes e seus partidários, motivada, entre outros fatores, pela relação entre Marco Antônio e a rainha egípcia Cleópatra. (COTRIM, 2016, p. 123)

A partir dessas três citações, podemos realizar alguns apontamentos. O primeiro deles é que Cleópatra VII era uma faraó egípcia e mesmo assim, das três vezes em que é citada, duas delas são em capítulos relacionados à História da Grécia e de Roma. Como já explicitado acima, a maioria das fontes que retratam a líder egípcia o fazem dentro de obras que discorrem sobre outros personagens históricos. Portanto, Cleópatra se torna mera coadjuvante da sua própria

<sup>55</sup> FRANCISCO, G. da S. O Lugar da História Antiga no Brasil. *Mare Nostrum*, [S. l.], v. 8, n. 8, 2017, p. 40.

<sup>56</sup> Brasileiro porque estamos nos referindo, primeiramente, ao nosso país de origem, não obstante, a grande maioria dos povos abrangidos e integrados pela influência do Ocidente também possuem esse mesmo contato cultural com a Antiguidade, através dos mesmos meios já explicitados.

vivência, sempre atrelada à vida de outras pessoas. O mesmo podemos observar aqui. Cleópatra VII parece muito mais importante para o percurso histórico de outros atores, em outras localidades, do que para o seu próprio reino.

Podemos, inclusive, ir além e refletir sobre como, por ser parte da dinastia ptolomaica e ter origem helênica, Cleópatra está muito mais associada ao mundo oriental e grego, do que ao Egito africano. Além disso, as estreitas relações políticas e amorosas com grandes generais romanos a relegam mais à história de Roma, do que a seus próprios feitos em prol de seu reino. Gostaríamos de exprimir o mau uso de palavras do autor ao afirmar que as lutas políticas e militares entre os integrantes do Segundo Triunvirato tinham sido motivadas pela relação de Marco Antônio e Cleópatra. Aqui vemos que a propaganda de Otávio César realmente deu certo, pois no Brasil, em 2016, a narrativa de que Cleópatra era a grande causadora de problemas para a soberania romana prevalece. Entre tantos motivos – brigas pela herança de Júlio César; as tentativas de Otávio de se manter ao poder sozinho etc. – que causaram desavenças entre Otávio, Lépido e Antônio, a escolha do autor em trazer à tona – apenas – a relação de Antônio e Cleópatra nos permite perceber a continuidade da narrativa negativa que o nome da rainha carrega.

As outras três citações ao nome da líder egípcia estão presentes na área de manual do professor, então, não é uma parte com a qual os alunos terão contato direto, porém, não deixa de ser importante, uma vez que é ali que os professores recebem indicações de como se integrar e aprofundar mais nos assuntos, podendo ter influência direta ao modo que os docentes possam conduzir suas aulas. A primeira citação à rainha, acontece na parte dos textos de aprofundamento voltados para o ‘*Capítulo 5: África: egípcios e cuxitas*’. O texto 1, que inicia na página 314 do livro de Cotrim e termina na página 315, ‘*Mãe preta, mãe África*’, de Elisa Larkin Nascimento, aponta que “As mulheres governantes são várias no Egito e na África. Cleópatra defendeu a soberania de seu país frente ao maior poder imperialista que o mundo conheceu.”. Primeiramente, gostaríamos de problematizar o ‘no Egito e na África’, visto que o Egito é, justamente, na África. Esse tipo de dissociação do Egito ao continente africano tem discussões apuradas nos estudos da História da África<sup>57</sup> e parece-nos um movimento parecido

---

<sup>57</sup> Para saber mais, ver: OLIVA, Anderson R. Desafrikanizar o Egito, embranquecer Cleópatra: silêncios epistêmicos nas leituras eurocêntricas sobre o Egito em manuais escolares de História no PNL 2018. **Romanitas – Revista de Estudos Grecolatinos**, n. 10, p. 26-63, 2017.

à dissociação de Cleópatra ao Egito. Dessa maneira, Cleópatra não é tão egípcia, o Egito não é tão africano.

Já a segunda e terceira citações à Cleópatra, acontecem no “*Pesquisar e enriquecer*” (p. 328), do “*Capítulo 9: Roma Antiga*”. Ao indicar filmes, o autor sugere *Cleópatra* (1963), de Joseph L. Mankiewicz, pois retrata “Cleópatra, rainha do Egito, e sua relação com Júlio César quando ele se torna soberano absoluto em Roma” (COTRIM, 2016, p. 328). Questionamos qual função pedagógica o referido filme pode ter, visto que, apesar de ser um clássico hollywoodiano, apenas reforça estereótipos acerca dos egípcios, reproduz a mesma narrativa tradicional e denotativa da figura da rainha e nada de novo traz para a discussão acerca do assunto. Por que um filme ‘biográfico’ de Cleópatra é indicado para estudos relacionados à Roma? Mais uma vez observamos a continuidade da narrativa eurocêntrica que continua deixando Cleópatra em segundo plano até mesmo em relação à sua própria história e da história de seu reino, servindo apenas de elemento que reafirma a hegemonia greco-romana.

Apesar das inúmeras críticas que conseguimos tecer ao História Global 1 de Gilberto Cotrim, ele foi o único que trouxe Cleópatra como personagem. Isso pode ser explicado, talvez, pela sua data de lançamento, ano de 2016, antes da última versão da BNCC ser fixada. Os outros seis livros lidos para este trabalho datam a partir de 2018, até 2022. Parece-nos que Cleópatra perdeu espaço nos livros didáticos justamente porque quando citada era para contribuir para a narrativa negativa advinda da historiografia tradicional. Apesar disso, com o aumento dos estudos afrocêntricos e o resgate do Egito africano, acreditamos que seja possível a volta de Cleópatra aos livros didáticos e manuais para professores e, dessa vez, promovendo um ensino de História que use da Antiguidade para quebrar com as amarras do ocidentalismo.

### **Conclusões [reflexões] finais.**

Neste trabalho elucidamos como o uso prioritário de algumas fontes podem contribuir para a perpetuação de uma narrativa negativa acerca da vida de Cleópatra VII. Essa narrativa foi muito sustentada pela historiografia, literatura e cinema, não obstante, principalmente a partir do século XX, podemos acompanhar um movimento na direção contrária. O acesso a escritos sobre Cleópatra, produzidos por diferentes povos, cada vez mais ganha destaque e as traduções aos poucos estão sendo feitas. Pontuamos que, no Brasil, o acesso e a tradução dessas fontes de origens variadas ainda estão no início de seu desenvolvimento. Acreditamos que há



muito o que ler, discutir e dialogar, dentro da produção historiográfica brasileira, sobre as diversas facetas que Cleópatra VII possuía.

Além do conhecimento de novas fontes que nos ajudem a construir outra figura da líder egípcia, os estudos Afrocêntricos têm sua importância reconhecida no resgate de Cleópatra enquanto rainha africana e são vistos como fundamentais para a produção de uma historiografia que rompa com o eurocentrismo das narrativas tradicionais. Assim, poderemos ter a chance de conseguir estudar a vida de Cleópatra a partir de outros campos de visão. Não negamos a importância das fontes e das narrativas negativas que permeiam a rainha, entretanto, buscamos compreender, ao longo deste trabalho, como essas se deram e possíveis porquês de terem se dado de determinada maneira.

No ensino de História Antiga no Brasil, Cleópatra ajuda-nos a compreender ainda mais as falhas que se mostram. Ao não poderem mais reproduzir uma historiografia tipicamente ocidental, que pode inferiorizar a rainha, colocando-a como coadjuvante da história de outros atores históricos, os autores de livros didáticos parecem preferir, então, sua exclusão. Não falar de Cleópatra, para não o fazer de forma simplória, não rompe com a historiografia tradicional. Assim, cogitamos que uma saída do eurocentrismo, para o ensino de História Antiga, seja o conhecimento e estudo de múltiplas fontes, estabelecendo a coexistência de diferentes povos, em diferentes espaços, como sugere o filósofo Jacques Rancière, um espaço coletivo, em que as mais variadas vozes possam construir um corpo<sup>58</sup>.

## REFERÊNCIAS:

### Fontes primárias (traduções):

BISHOP OF NIKIU, John. **The Chronicle of John, Bishop Of Nikiu**. Translated from Zotenberg's Ethiopic Text by R. H. Charles. Published by Williams & Norgate, Oxford, 1916, 216p.

CASSIUS, Dio. **DIO'S ROMAN HISTORY: in nine volumes, IV**. The LOEB Classical Library, 1916, 502p.

CASSIUS, Dio. **DIO'S ROMAN HISTORY: in nine volumes, VI**. The LOEB Classical Library, reprinted, 1955, 491p.

---

<sup>58</sup> VOIGT, André F. **Jacques Rancière e a história: palavras, regimes, cenas**. Uberlândia : Edição do autor, 2019, p. 91.

MAÇOUDI. **Les Prairies D'or**. Texte et traduction par C. Barbier de Meynard et Pavet de Courteille. Société Asiatique, Paris, vol. 2, 1863, 467p.

PLUTARCH. **MAKERS OF ROME: Nine lives by Plutarch**. Penguin Classics, 1965, 368p.

SUETÔNIO. **As vidas dos doze Césares**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2012, 320p.

SUETÔNIO; PLUTARCO. **Vidas de César**; tradução e notas Antonio da Silveira Mendonça, Ísis Borges Belchior da Fonseca. São Paulo: Estação Liberdade, 2007, 272p.

**Livro didático:**

COTRIM, Gilberto. **História Global 1**. São Paulo : Saraiva, 3. ed., 2016.

**Referências bibliográficas:**

ALIGHIERI, Dante. **Inferno**; traduzido por José Pedro Xavier Pinheiro. [recurso eletrônico], Jandira, SP: Principis, 2020.

CARVALHO, Alexandre G. Diálogos entre a História Antiga e o ensino de História. **Perspectivas e Diálogos: Revista de História Social e Práticas de Ensino**, v. 2, n. 6, p. 17-34, jul./dez. 2020.

EL DALY, Okasha. Egyptology: The Missing Millennium. Ancient Egypt in Medieval Arabic Writings. UCL Press, UK, 2005, 230p.

FRANCISCO, G. da S. O Lugar da História Antiga no Brasil. **Mare Nostrum**, [S. l.], v. 8, n. 8, p. 30-61, 2017. DOI: 10.11606/issn.2177-4218.v8i8p30-61. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/marenostrum/article/view/138860>. Acesso em: 17 maio. 2023.

FUNARI, Pedro Paulo A.; GARRAFFONI, Renata S. História Antiga na Sala de Aula. Campinas, IFCH/UNICAMP, Julho de 2004, **Textos Didáticos** n. 51, 90 pp., ISSN 1676-7055.

JONES, Prudence. Cleopatra VII (69-30 BCE). *IN*: GATES, Henry; AKYEAMPONG, Emmanuel; NEVEN, Steven J.. **Dictionary of African Biography**. Oxford University Press, 2011. Disponível em: <https://www.oxfordreference.com/display/10.1093/acref/9780195382075.001.0001/acref-9780195382075-e-0466?rskey=H8V4IY&result=467>. Acesso em: abril/2023.

JONES, Prudence. **CLEOPATRA: A sourcebook**. University of Oklahoma Press, 2006, 345p.

JONES, Prudence. **Cleopatra: the last pharaoh**. Haus Publishing, Londres, 2006, 159p.

LINDSAY, Jack. **The origins of alchemy in Graeco-Roman Egyptian**. Frederick Muller, London, 1970, 452p.

OLIVA, Anderson R. Desafrikanizar o Egito, embranquecer Cleópatra: silêncios epistêmicos nas leituras eurocêntricas sobre o Egito em manuais escolares de História no PNLD 2018. **Romanitas – Revista de Estudos Grecolatinos**, n. 10, p. 26-63, 2017.

PRATAS, Glória Maria D. L.. Trabalho e religião: o papel da mulher na sociedade faraônica. **Mandrágora**, v.17. n. 17, 2011, p. 160-163.

ROLLER, Duane W.. **CLEOPATRA: A biography**. Oxford University Press, 2010, 252p.

SANTOS, Dominique. O ENSINO DE HISTÓRIA ANTIGA NO BRASIL E O DEBATE DA BNCC. **Outros Tempos**, vol. 16, n. 28, 2019, Outros Tempos, vol. 16, n. 28, 2019, p. 128 - 145. ISSN: 1808-8031. DOI: <http://dx.doi.org/10.18817/ot.v16i28.703>. Acesso em: maio/2023.

SANTOS, D.; KOLV, G.; NAZÁRIO, J. J. O Ensino e a Pesquisa em História Antiga no Brasil: Reflexões a partir dos Dados da Plataforma Lattes. **Mare Nostrum**, [S. l.], v. 8, n. 8, p. 115-145, 2017. DOI: 10.11606/issn.2177-4218.v8i8p115-145. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/marenostrum/article/view/138864> . Acesso em: 17 maio. 2023.

VEYNE, Paul. **Quando Nosso Mundo Se Tornou Cristão**. Tradução de Marcos de Castro. Civilização Brasileira, 2. ed., 2011.

VOIGT, André F. **Jacques Rancière e a história: palavras, regimes, cenas**. Uberlândia : Edição do autor, 2019.

VOIGT, André F. **O uso da arte no ensino de História: problemas**. IN: MORAIS, Sérgio Paulo. **Noções Históricas: Ensino e Experiências Contemporâneas**, São Paulo, Verona, 2016.